

CURRÍCULO, SAÚDE E ESCOLA: TECNOLOGIAS BIOPOLÍTICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS

*CURRICULUM, HEALTH AND SCHOOL: BIOPOLITICAL TECHNOLOGIES IN
SCIENCE TEXTBOOKS*

*CURRÍCULUM, SALUD Y ESCUELA: TECNOLOGÍAS BIOPOLÍTICAS EN LOS
LIBROS DIDÁCTICOS DE CIENCIAS*

Ana Paula Germano

Mestre em Educação pela FURB.

Gicele Maria Cervi

Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP. Docente do Programa de Pós-
Graduação em Educação da FURB.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Blumenau – SC – Brasil

Endereço:

Rua Antônio da Veiga, 140
Victor Konder - Blumenau – SC
CEP: 89012-900

E-mails:

ana.germano@gmail.com

gicele.cervi@gmail.com

Resumo: Este trabalho problematiza a formação de subjetividades por meio do currículo da escola e nela a estética das imagens sobre o corpo humano presentes em três livros de Ciências do ensino fundamental do oitavo ano. Tal fenômeno é discutido sob a ótica dos conceitos de biopoder e de biopolítica foucaultianos. Muitas são as tecnologias de poder operando por meio das representações do corpo presentes nesses livros. Dentre estas tecnologias, pode-se citar como exemplo o discurso médico, o esporte, a indústria cultural, a moda, a publicidade. As imagens presentes nos livros e selecionadas para a análise tanto se referem às explicações biológicas do funcionamento do corpo, quanto representam atitudes em relação à saúde ou, ainda, às práticas esportivas. Contudo, o que se pode ver de modo mais contundente nas imagens é certa padronização estética do corpo, tanto significando beleza quanto saúde. O que atua nessa padronização são complexas tecnologias biopolíticas, que podem criar formas de subjetividade em estudantes que os utilizam frequentemente, como noções distorcidas de beleza e saúde, padronização de atitudes, entre outros.

Palavras-chave: Biopolítica. Subjetividade. Livro Didático de Ciências.

Abstract: This paper discusses the formation of subjectivities through the school curriculum and the aesthetics of pictures about the human body three eighth grade elementary school science textbooks. This phenomenon is discussed from the perspective of

the concepts of biopower and biopolitics of Foucault's theories. There are many technologies of power operating through the representations of the body present in these books. Among these technologies, we can mention, as examples, medical discourse, sport, cultural industry, fashion, and advertising. The images present in the books, and selected for analysis, refer to biological explanations of how the body works, and also represent attitudes in relation to health, or sports. However, what we see in the images, in a more striking way, is a certain esthetic standardization of the body, in relation to both beauty and health. What acts in this standardization are complex biopolitical technologies that can create forms of subjectivity in that students that make frequent use of the images, such as distorted notions of beauty and health, and standardization of attitudes, among others.

Key-words: Biopolitics. Subjectivity. Science textbook.

Resumen: Este trabajo problematiza la formación de subjetividades por medio del currículum de la escuela, y en la misma, la estética de las imágenes sobre el cuerpo humano presentes en tres libros de Ciencias de la enseñanza fundamental del octavo año. Tal fenómeno es discutido desde el punto de vista de los conceptos de biopoder y de biopolítica foucaultianos. Son muchas las tecnologías de poder que operan por medio de las representaciones del cuerpo presentes en esos libros. Entre esas tecnologías se puede citar, como ejemplo, el discurso médico, el deporte, la industria cultural, la moda, la publicidad. Las imágenes presentes en los libros y seleccionadas para el análisis se refieren tanto a las explicaciones biológicas del funcionamiento del cuerpo, como representan actitudes en relación a la salud o, incluso, a las prácticas deportivas.

Con todo, lo que se puede ver de modo más contundente en las imágenes es cierta estandarización estética del cuerpo, significando tanto belleza como salud. Lo que actúa en esa estandarización son complejas tecnologías biopolíticas, que pueden crear formas de subjetividad en los estudiantes que los utilizan a menudo, como nociones distorsionadas de belleza y salud y estandarización de actitudes, entre otros.

Palabras clave: Biopolítica. Subjetividad. Libro Didáctico de Ciencias.

INTRODUÇÃO

Concebendo escola e currículo como produtores de subjetividades, este trabalho se propõe a analisar as imagens sobre o corpo humano vinculadas em três livros didáticos de ciências do oitavo ano do ensino fundamental.

Esses livros foram selecionados por figurarem entre os livros escolhidos pelos professores das escolas da Rede Municipal de Educação de Blumenau, em Santa Catarina. Uma listagem desenvolvida pela Secretaria de Educação no ano de 2010 indicou que os seguintes exemplares foram “os mais votados” dos professores: Ciências: Nosso Corpo, de Fernando Gewandsznajder, da Editora Ática, ano 2010; Ciências: o Corpo Humano, de Carlos Barros e Wilson Paulino, da Editora Ática, ano 2010; Ciências Naturais, Aprendendo com o Cotidiano, de Eduardo Leite do Canto, da Editora Moderna, ano 2009.

A escolha do livro didático como material de análise se deu porque ele é hoje uma das principais políticas do MEC. O uso obrigatório do material fornecido pelo MEC dá ao professor a possibilidade de escolher, entre “x” opções, o material que julga mais adequado à sua prática em sala. Segundo Barreto (2010), mesmo sem entrar na discussão acerca do livro didático é necessário pontuar a sua condição de resposta correta para uma infinidade de perguntas. Muito raramente eles deixam margem a outras perguntas, discussões, aprofundamentos. “Por serem didáticos, tendem a assumir o pressuposto da clareza, da objetividade e da transparência impossíveis.

Consequentemente, operam uma espécie de pasteurização dos conhecimentos apresentados, evitando conceitos e noções que poderiam suscitar dúvidas” (BARRETO, 2010, p.220).

Sobre o material relativo à disciplina de Ciências, percebe-se certa padronização estética sobre o corpo e os modos de se relacionar com saúde. Frente a isso, poder-se-ia questionar sobre o fundamento desses conteúdos. Admitindo-se que tal padronização seja o belo, resta o questionamento sobre o que é ser belo. Belo seria o considerado esteticamente agradável? Quais são as características que devem ser levadas em conta para aceitar alguém como sendo bonito ou feio?

Mesmo que professores, escolas e currículos estejam buscando outras possibilidades nas práticas escolares, não se pode negar que o desdobramento da modernidade, com sua força separatista, continua produzindo efeitos e políticas de capturas sobre as realidades que se consegue compreender. Porque é da modernidade a ideia e os padrões que estão representados nos livros, sobre a questão de ser saudável, e da importância de seguir as normas médicas recomendadas para se ter uma vida saudável. As duas questões, padrão de beleza e padrão de saúde, não são discutidas pelos textos didáticos, são apenas dadas, já naturalizadas, na forma de pesos e medidas, determinados por saberes médicos.

A escola, assim como o hospital, a prisão ou a fábrica, é uma instituição disciplinar surgida na modernidade. Foucault (2002) afirma que esse tipo de instituição disciplinar tem como característica maior os modos de organização do espaço-tempo, vigilância dos corpos e das suas condutas e a instauração de um poder de sujeição que define o indivíduo ou o que ele deve ser segundo padrões de normalidade. Além disso, a escola sofre as interveniências do que Foucault (2009) chama de biopolítica. Educar, preparar, qualificar, treinar a população como mão de obra que gera riqueza, essa passou a ser a nova tônica da arte de governar. Mais do que o território, o governo deve se ocupar da população. A biopolítica está centrada, portanto, na ideia de governo da vida (FOUCAULT, 2009). A vida, inicialmente, das pessoas, de cada indivíduo singularmente (modelo disciplinar) e da população em seu conjunto. Enquanto a disciplina ocupa-se somente com o corpo individual, a biopolítica ocupa-se de um corpo múltiplo ou de uma população (FOUCAULT, 2009).

Dessa forma, a escola para todos, esse modelo escolar do final do século XX, início do século XXI, atinge a cada um de nós e a todos ao mesmo tempo. Ela é, ao mesmo tempo, um espaço em que o Estado atua direta e indiretamente sobre a população, quando determina, por exemplo, o que, quando e como

aprender. No interior da escola se pode constatar a atuação das forças e dos modos de relação (dominação/sujeição) que atuam nos demais espaços sociais. Em suas práticas cotidianas reproduz os estereótipos e os agenciamentos do regime de saber-poder atuante na sociedade, por isso que Varela (1995) escreve que sua função é preparar a nova ordem social e mental. O reflexo disso pode ser observado diretamente nas políticas de currículo e nelas, por exemplo, os materiais didáticos.

Problematizando a escola e nela o currículo, pode-se compreender como os discursos sobre saúde atuantes nos livros didáticos produzem efeitos de subjetividade nos escolares, a atuação dessas novas questões éticas e estéticas aos quais são submetidos nos espaços de educação. Em outras palavras, podem-se constituir maneiras de compreender o modo como, aquilo que se ensina sobre saúde na escola, atua sobre nós todos que frequentamos a escola, influenciando no nosso modo de sermos sujeitos o modo como nossa subjetividade vivencia os padrões de normalidade instituída nos espaços sociais, nossos padrões estéticos, nossos conceitos sobre saúde e doença.

Partindo do pressuposto de que os saberes sobre saúde veiculados na escola e nos livros didáticos têm sua proveniência nos conhecimentos da medicina, é importante pensar que tipo de relação de saber-poder se estabelece entre ciência - neste caso especialmente a médica - escola e sujeitos. Para Foucault (2006), a instância médica funciona como poder muito antes de funcionar como saber, e todo poder, em última instância, visa ao corpo como sua aplicação.

Ao conviver na escola, estes saberes irão marcar direta e indiretamente o corpo e a vida dos que estão sujeitos ao conteúdo dos livros, no interior da instituição escolar. Dessa forma, é possível compreender como são reguladas as práticas escolares atuais, as práticas de ensino, as teorias educativas vigentes, a didática, a gestão, a disciplina, a escolarização e o uso da própria ferramenta livro didático.

O corpo humano retratado nos livros didáticos de ciências, em boa parte dos casos, carece de realidade ou materialidade com a vida cotidiana. Ele carece de verossimilhança com as pessoas reais. Isso porque grande parte das imagens que aparecem nos livros sequer são imagens reais. São apenas digitais ou na forma de desenhos. Isso possibilita a manipulação de um padrão estético diferente da pluralidade do mundo real. São corpos reconfigurados. Esta reconfiguração representada nos manuais didáticos é, para Flores (2007, p. 58), "a reconfiguração do corpo emoldurado sob a estética da ordem que concebe um corpo concentrado, ordenado, disciplinado; as superfícies de expressão são contidas, as formas anatômicas são moldadas nos cânones clássicos da beleza universal". Dessa forma, ao constatar a presença de padrões estéticos

tão distintos do real, os livros didáticos podem imprimir nos estudantes certos ideais estéticos impossíveis de serem alcançados naturalmente, sem a presença de algum tipo de intervenção médica ou até cirúrgica.

Em se tratando de livros cujo tema principal seja o corpo humano, cabe salientar a importância e o impacto que tais imagens podem causar. Elas podem se tornar um referencial de estética midiática tanto em termos de beleza quanto de saúde.

Há pouca diversidade no que se refere aos biótipos humanos. Os livros só retratam pessoas tidas como "feias" ou "gordas" ou, ainda, "anormais" quando o texto chama a atenção para doenças, deformidades de origem genética ou fisiológica e problemas advindos da obesidade, como um reforço negativo de atitudes pessoais, como é possível verificar nas Figuras 1 e 2.

Figura 1: Médico medindo circunferência abdominal



Fig. 5.8

Avaliação médica
em adulto obeso.

Figura 2: Nanismo e gigantismo – anomalias genéticas



Fonte: Gewandsznajder (2010, p. 185).

Nesses casos, os livros ilustram pessoas que não se encaixam num padrão de aparência "normal", sendo considerados como doente, obeso, gigante ou anão. Em alguns casos, a pessoa "sofre" de uma anomalia, de ordem hereditária ou de mau funcionamento de algum órgão que foge ao seu controle. No entanto, em outros casos, como a obesidade ou o hipotireoidismo, o aparecimento da doença é retratado como resultado de uma conduta inadequada com o próprio corpo.

Para Sibília (2004), parece haver hoje uma constituição de novos vetores do biopoder, impulsionados por fenômenos como a obsessão generalizada por saúde, por juventude e por beleza. Ela afirma que as políticas que modelam a vida não se dirigem mais aos cidadãos dos antigos Estados-Nação, mas a sujeitos livres, inseridos num capitalismo pós-industrial. Dessa forma, hoje, o cidadão precisa "planejar sua própria vida como um empresário delinea as estratégias de negócios: avaliando os riscos inerentes ao seu estilo de vida" (SIBILIA, 2004, p.69). Por meio de sacrifícios, privações e um pouco de sofrimento, seria possível alcançar um patamar de beleza e saúde desejáveis, como será comentado mais adiante.

Também não foi constatada em grande número a presença de pessoas idosas ou índios, por exemplo. Algumas imagens mostram pessoas negras e de outras etnias, mas em número muito reduzido. Para Sibília (2004, p.70):

Todas as culturas possuem um certo ideal de 'corpo belo', que dissemina seu cânone e propaga uma 'normalização' da população em torno dessa proposta ideal. Na sociedade contemporânea, entretanto, tal modelo parece se impor de maneira cada vez mais opressiva e generalizada, investindo os corpos e as subjetividades com uma potência inédita [...] cada vez mais a subjetividade parece ancorar na exterioridade da pele, nos sinais visíveis emitidos por um corpo que rivaliza constantemente pela captação de olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais.

Assim, ao constatar esta padronização generalizada de um único tipo físico e de beleza em materiais didáticos utilizados por centenas de estudantes,

procura-se analisar os dispositivos de poder atuantes no conteúdo deste material didático. Muito antes de conterem apenas discursos científicos neutros, pura expressão da verdade, podem ser portadores de um tipo de discurso ideologicamente dirigido, buscando provocar a adequação do público-alvo aos padrões estéticos vigentes nos mercados de moda, no mundo televisivo, das celebridades e não do ambiente escolar, cujos alunos precisam entender conceitos fisiológicos a respeito de seu corpo, compreender seu funcionamento, as relações entre meio ambiente e saúde, e compreender o próprio conceito de saúde.

Portocarrero (2009) salienta que, no discurso genealógico de Foucault, a ciência e a vida são analisadas do ponto de vista político. Dessa forma, a análise dos saberes tem como objetivo principal explicar a sua existência e suas transformações, permitindo ver como o poder disciplinar e o biopoder funcionam sob o pretexto de bem-estar individual e das populações.

Portanto, amparado no conceito de biopoder, pretende-se problematizar o tipo de prática político-ideológica exercida com os saberes que circulam nos livros didáticos. A análise se dirige às imagens, sua padronização estética, buscando evidenciar as tecnologias de poder que o atravessam, bem como os jogos de verdade presentes nos discursos escolares. Segundo Foucault (2005), tais saberes são constituídos ao longo da história escolar; esses saberes têm se constituído como formas biopolíticas.

BIOPODER: RELAÇÕES ENTRE CONTEÚDOS ESCOLARES E A PADRONIZAÇÃO DOS CORPOS

Para Gadelha (2009, p.15), Foucault não tomou a “educação como um dos mecanismos estratégicos privilegiados para o exercício de biopoderes e da biopolítica nas sociedades ocidentais modernas”. Contudo, é possível estabelecer parâmetros entre a educação como um fenômeno social e a problemática do poder e suas implicações na educação. A compreensão de como Foucault concebe o exercício do poder, por meio do que Gadelha (2009) chama de triangulação sociedade de soberania – sociedade disciplinar – sociedade de controle, é fundamental para a aplicação destes conceitos na educação. Isso porque é por meio das ações de um biopoder que as sociedades ocidentais modernas constituíram-se, sendo disciplinadas, normalizadas, governamentalizadas.

Foucault (2009) afirma que o exercício do poder não se dá na ordem da repressão nem de forma negativa, mas sim exercendo uma estratégia produtiva,

de gestão da vida. Dessa forma, as relações de poder produzem saberes específicos e de tecnologias de controle e ordenação no sentido de ampliar a vida (FOUCAULT, 2009). Inicialmente é por meio da disciplina que Foucault descreve como o corpo passa a ser pensado na modernidade. A disciplina é o fator chave de adestramento e controle dos corpos, que age por meio de coerção constante, ininterrupta, controlando tempo, espaço, uniformizando e aumentando a produtividade do corpo. A disciplina esquadrinha os indivíduos em espaços ordenados, ao mesmo tempo em que define que em cada lugar esteja um indivíduo, evitando assim as coletividades, as pluralidades.

Para Portocarrero (2009), são essas técnicas de esquadrinhamento que garantem a funcionalidade e a obediência dos indivíduos, aumentando a economia do tempo e do espaço por meio de técnicas de sujeição dos corpos. Assim, por meio das disciplinas do corpo, o poder da norma se estabelece:

Na sociedade moderna, o normal se estabelece como princípio de coerção no ensino, com a instauração de uma educação estandardizada e com o estabelecimento das escolas normais. Ele se estabelece no esforço de organizar um corpo médico e um enquadramento hospitalar da nação, suscetíveis de fazer funcionarem normas gerais de saúde. (PORTOCARRERO, 2009, p. 200).

Manifestando-se de forma positiva, o poder faz operar certa produtividade e estabelece um tipo padrão ou “normal” de indivíduo, necessário para fazer funcionar e como engrenagem de manutenção do sistema capitalista. Para Foucault (2010), a partir do século XIX a possibilidade de controle da vida faz surgir uma força de exercício do poder diferente da disciplina, dando possibilidade de aparecimento do biopoder, ou seja, uma nova forma de relação do poder com a vida, em que ocorre uma proliferação de tecnologias políticas voltadas para o governamento do corpo, da saúde, dos nascimentos e das mortes, da alimentação e das condições de vida do homem como um ser biológico. Para Portocarrero (2009), o biopoder se caracteriza como uma instância crescente da norma que determina o valor e a utilidade dos vivos.

Analisando o funcionamento do biopoder no interior da escola, da pedagogia ou da educação em geral, em sua complexa relação com a sociedade, Gadelha (2009) assinala que a instituição escolar é orientada por uma função de normação, ou seja, definição das normas, responsável pela normalização disciplinar dos alunos, dos professores e das relações família-escola-sociedade. E por conta disso essa instituição é pensada como constituinte de uma normalização reguladora, reforçando sua implicação biopolítica, por intermédio de dispositivos de segurança, como a medicina social. É o caso de campanhas de vacinação na escola, programas de higiene bucal, educação sexual, educação física escolar, programas de nutrição,

instrumentação para o trabalho. Ou, ainda, de políticas voltadas para a segurança pública, como campanhas contra violência, contra drogas ou educação moral e cívica (GADELHA, 2009).

A educação escolar se faz voltada para práticas que “reproduzem e reforçam determinadas prescrições normativas, hábitos e condutas estreitamente vinculados à regulamentação e ao controle da população” (GADELHA, 2009, p. 180). A análise das imagens dos três livros didáticos de ciências indica que eles se configuram por tais prescrições normativas, atuando como uma ferramenta biopolítica. Os livros são permeados de prescrições e normas médicas, dizendo como os estudantes devem ou não se comportar em relação à sua saúde, ou reforçando um ideal de corpo com imagens que estimulam a vontade de ser magro, dando a entender que aquele que não estiver adequado ao padrão não é saudável, perfeito, nem está potencialmente pronto para o trabalho, não é normal, por não estar dentro dos padrões estabelecidos por tais discursos.

Inserido no livro didático, este poder sobre a vida se manifesta, por exemplo, nos conteúdos didáticos, amparado por um suposto saber ou discurso médico, no sentido de priorizar alguns dispositivos como condição única para a manutenção e a ampliação da saúde e da vida.

Nas imagens esportivas há enfatizada uma norma que exalta apenas os corpos modelos nas práticas esportivas. A flexibilidade da ginasta, a velocidade e a resistência de um jogador de futebol, os músculos bem desenvolvidos de um halterofilista – que aparecem em outras imagens nos livros - indicam uma predisposição disciplinar ao esporte que estudantes na faixa etária de 12, 13 anos podem não ter, mas criam desejos de tê-los, de desenvolvê-los. Outros fatores estão implícitos nestas imagens, como a competição, a disposição ao fato de regular ou privar-se de certos tipos de alimentos, de comportamentos sociais que não necessariamente trarão saúde aos atletas. O que parece valer é a competitividade, ser campeão a qualquer custo.

Figura 3: Mulher praticando alongamento



Fonte: Canto (2009, p. 19).

Figura 4: Ginasta



Fonte: Canto (2009, p. 208).

Mesmo quando o texto trata de atividades físicas sem fins competitivos, não há em nenhuma delas retratada a pessoa fora do padrão estético que necessitaria das atividades para atingi-lo. As pessoas são sempre retratadas como felizes, em parques, em companhia agradável, com trajes específicos para atividade física, o que estimula o comércio desse ramo de produtos. As pessoas parecem sempre retratadas com disposição e motivação à prática esportiva.

Para Sibília (2002), um dos efeitos dos mecanismos disciplinares é a promoção de um autopolicimento generalizado, cujo objetivo é a normalização dos sujeitos. Essa normalização pode ser entendida também como padronização. As formas-corpo atuais exigem esse policiamento constante. Quando meninas

e meninos enxergam corpos tão atléticos, tão magros e musculosos, tão parecidos com os veiculados pela mídia, o interesse e a vontade de ter um corpo assim pode tornar-se ainda maior, pois a escola e o livro didático ensinaram que a magreza é o sinônimo do normal, da beleza, da saúde. A adesão por parte dos alunos às imagens que falam muito mais que palavras é um efeito da disciplina normalizante, é uma “tecnologia do biopoder, um poder que focaliza diretamente a vida, administrando-a e modelando-a com vistas à adequação à normalidade e produzindo, em consequência, certos tipos de corpos e determinados modos de ser” (SIBILIA, 2002, p. 31).

CORPO E SAÚDE NOS LIVROS DIDÁTICOS

Foi a escola, segundo César e Duarte (2009, p.123), “o lugar privilegiado das medidas higiênicas e alimentares destinadas a garantir a saúde física e moral dos jovens e crianças”, que garantiu o papel de perpetuação de um sistema eugenista e sanitarista do início do século XX, e que ainda mostra reflexos nos materiais didáticos. Cabia à escola o papel de agente executor de uma educação moral voltada para a higiene corporal e sanitária. César e Duarte (2009) afirmam também que, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930, estabeleceu-se de imediato uma relação “naturalizada” entre educação e saúde, solidificando as tarefas educacionais de instrução de práticas, visando à saúde física e moral das crianças nos espaços escolares.

Atualmente repaginado, o enfoque curricular eugenista passa a ser estético e saudável. Mohr (2002) enfatiza que o que era tido como educação em saúde foi, gradativamente, sendo incorporado ao ensino de ciências, pois a educação em saúde restringia-se exclusivamente aos aspectos biológicos do corpo humano e dos ciclos de doenças, cujo enfoque tradicional relegava-se à tríade corpo humano-higiene-nutrição. Da mesma forma, completa a autora, os manuais e os livros restringiam seus conteúdos a uma vinculação a certos tipos de conteúdos das ciências.

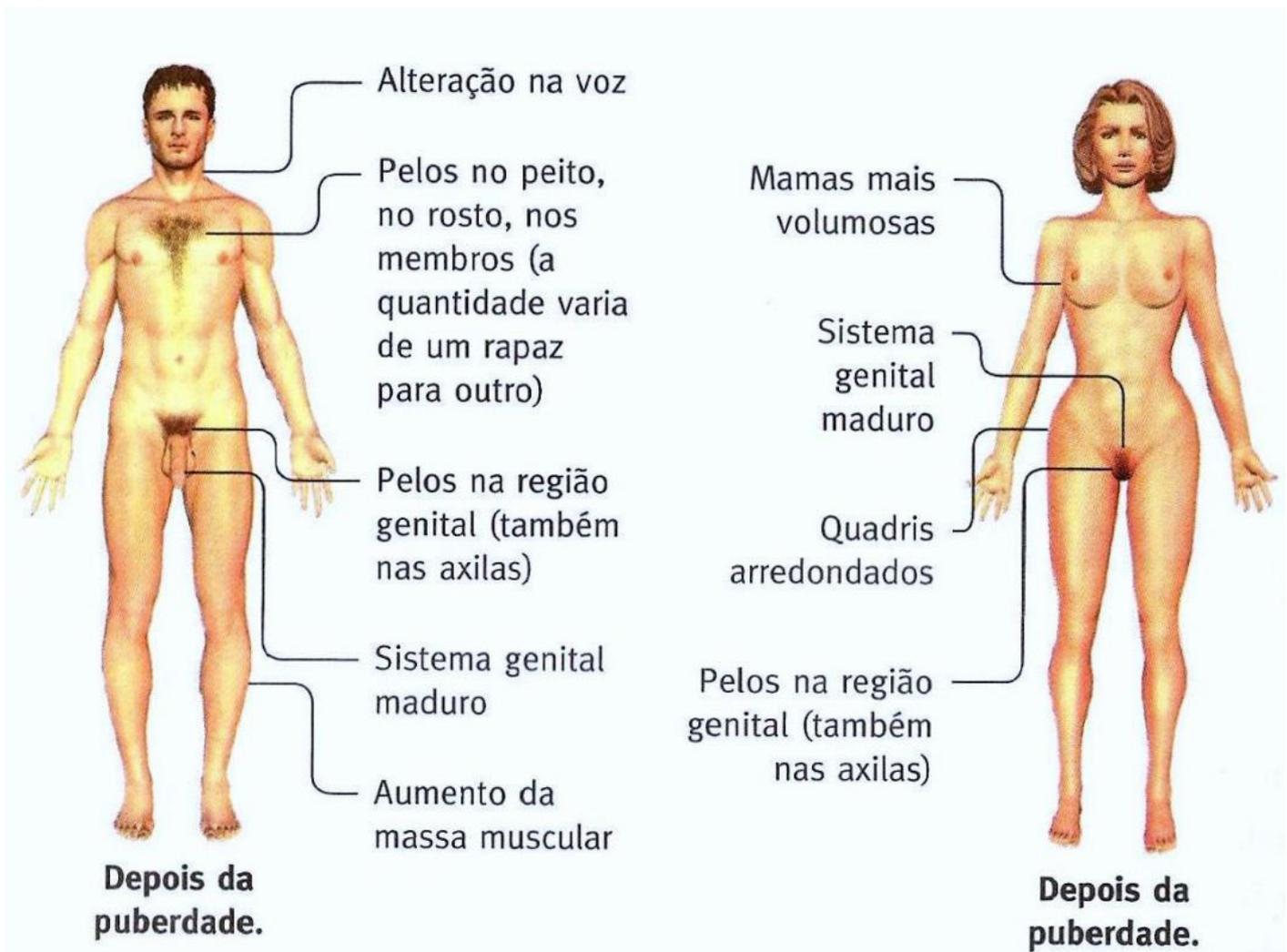
Por meio da transmissão de preceitos e normas médicos, o indivíduo acaba por desenvolver uma consciência corporal individual que direciona suas ações para impedir o estabelecimento das doenças. Essas práticas podem ser observadas também em campanhas de alimentação e práticas esportivas dentro da escola, sempre exaltando a beleza física como sinônimo de saúde e bem-estar.

Só se atinge a conquista do corpo ideal, nos moldes modernos, segundo Ortega (2008), por meio de uma bioascese contemporânea. Ortega utiliza esse termo em contrapartida às práticas ascéticas da antiguidade, descritas

por Foucault, cujo objetivo visava principalmente à liberdade e à autonomia da pessoa. Ortega (2008) afirma que hoje as práticas de assujeitamento e disciplinamento corporal visam alterar os processos de subjetivação no sentido de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando à busca do corpo perfeito. Esse efeito é visivelmente explicitado na grande quantidade de jovens que sofrem de distúrbios alimentares, como bulimia e anorexia, na procura por profissões como modelo e manequim ou ainda como jogadores de futebol. Circula um ideal estético determinado pelos padrões de consumo atual.

Para Sibília (2004, p. 69), “as imagens [...] que ensinam as formas e as leis do ‘corpo bom’, e ao mesmo tempo são informados sobre todos os **riscos** inerentes aos ‘estilos de vida’ que podem afastá-los perigosamente deste ideal” (Grifos no original), estão alinhadas com as complexas tecnologias do corpo atuantes em nossa sociedade. Algumas figuras mostradas nos livros didáticos e a Figura 5 seguem esse padrão de corpo.

Figura 5: Atlas corpo humano – Sistema reprodutor masculino e feminino



Fonte: Canto (2009, p. 152).

A imagem, que procura relatar as mudanças fisiológicas causadas pelas mudanças hormonais nos jovens, se parece em muito com as descrições dos ideários de beleza. A imagem digital do corpo representa uma beleza estética de corpo máquina, de forma modelo, não comumente encontrada, e exalta características perfeitamente escolhidas para compor o corpo sadio e atlético. As imagens são cuidadosamente desenhadas a fim de tornar visíveis, tanto na figura masculina quanto na feminina, os padrões estéticos predominantes na “indústria da moda”. Seja pelo formato ou posição do corpo, sempre são ressaltados os seios e a cintura fina nas mulheres, ou ombros largos e braços torneados nos homens, bem como o cabelo comprido nas mulheres, e curto nos homens.

Ao tentar tornar didáticos os conteúdos referentes à fisiologia do corpo, os livros procuram, através das imagens, criar imagens mentais daquilo que o texto diz. Subjetivamente, é através dessas imagens que os estudantes conseguem “materializar” os conteúdos, ou seja, localizar fisicamente os dizeres dos textos. Portanto, o ideal estético que as figuras apresentam, segundo Sibília (2004, p. 68), “apontam para o cultivo das boas aparências, numa era na qual a visibilidade e o reconhecimento no olhar alheio são fundamentais na definição do que cada um é”. A delimitação da forma física a um padrão estético que se repete ao longo de todo o livro didático representa um ideal biopolítico.

Os livros não repetem a distinção de características físicas que atualmente convencionou-se atrelando beleza à saúde de forma velada. É bem explícita, fortemente estruturada por meio das imagens. No contexto geral de todas as imagens analisadas, vê-se que políticas públicas no âmbito da saúde – como, por exemplo, merenda escolar balanceada, programas de saúde escolar, vacinação, prevenção de AIDS, DST’s, entre outros – são presença forte nas atuais práticas dos livros didáticos, nos quais se apregoam discursos exaltando a saúde e o bem-estar geral da população pela reprodução de padrões estilizados de corpo. Para Sibília (2002), hoje, as técnicas de sujeição ou as formas de subjetivação do corpo se entrelaçam mais com dispositivos de prazer do que com dispositivos disciplinares, pois assim ganham eficácia e legitimidade sociopolítica. Vale salientar que não só os livros representam esse ideário, mas também as dinâmicas escolares atuais trabalham em um novo sentido de governo dos corpos escolarizados. Para César e Duarte (2009, p.128), essas práticas “pressupõe a tomada de medidas, a realização de exercícios, a elaboração de novas merendas, e, sobretudo, a difusão de um estilo de vida magro e saudável”. Os livros, bem como outras práticas escolares, corroboram com as técnicas de governo estatal que visam ao controle público da alimentação escolar com as técnicas biopolíticas orientadas pelo

mercado econômico. Os materiais analisados operam nessa mesma lógica mercantil, ressaltando as qualidades físicas visíveis nos corpos magros, sadios e produtivos. Essas novas formas de produção de subjetividades nas escolas dependem, hoje, de um conjunto de normas moduladoras, que são visíveis tanto nas práticas escolares quanto nos livros didáticos.

Assim, inseridas na lógica escolar, estas imagens que mostram apenas corpos definidos, "sarados", podem produzir efeitos de ordem moral nos estudantes, modulando formas de subjetividade orientadas para a noção estética de mercado. O apelo visual e o mercadológico presente nas imagens didáticas difundem um ideal de saúde e, sobretudo, de beleza. As imagens inculcam sentidos de ser e pensar o mundo, sob uma ótica narcisista, que só dá valor à imagem dentro do padrão imposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que este artigo permite pontuar, para continuar a investigar e problematizar, é que o corpo continua sendo disputado pelas políticas de governo, às quais exigem vigilância para não cair em suas armadilhas, e, se se está falando de disputa, se se está falando de relações de poder-saber, está-se falando também de resistências e, portanto, está-se dizendo que existem muitas outras histórias para contar. Porque a vida se expande para muito além da sala de aula e do livro didático e essas produzem diferenças e o mundo da diferença é intenso.

Procurando, assim, estabelecer relações entre as concepções biopolíticas com a produção dos livros didáticos atuais, verificou-se que a noção médica-estética atual se faz presente ao representar corpos esteticamente agradáveis, joviais, sorridentes, firmes, musculosos, magros, fortes e, na grande maioria, brancos.

Pode-se perceber que o modelo estético presente nos livros didáticos, no fundo, cumpre uma finalidade política. Analisar as imagens ali presentes significa enxergar que elas não são apenas belas, inocentes ou tentam mostrar o que há de belo e saudável no mundo. Muito pelo contrário, nelas estão atuando estratégias de poder, que tentam impor, subjetivamente ou não, novas formas de conceber o corpo e a saúde, pautados em modelos econômicos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Carlos; PAULINO, Wilson. **Ciências: O Corpo Humano**. 8º. ano. 4. ed. São Paulo: Ática. 2010.

BARRETO, Raquel Goulart. A Apropriação Educacional das tecnologias da Informação e da Comunicação. In: LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth (Org). **Currículo: debates contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CANTO, Eduardo Leite. **Ciências Naturais: Aprendendo com o cotidiano**. 8º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André. Governo dos Corpos e Escola Contemporânea: Pedagogia do Fitness. **Educação e Realidade**: Porto Alegre, v.34, n.2, p.119-134, mai/ago 2009.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Tecnologia e Estética do Racismo: Ciência e Arte na Política da Beleza**. Chapecó: Argos, 2007.

FOUCAULT Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução por Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Tradução por Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. Tradução por Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O Poder Psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Tradução por Raquel Ramalheite. 35. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. **Segurança, Território e População**. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20. ed. São Paulo: Graal, 2010.

FREITAS, Elisângela Oliveira de; MARTINS, Isabel. Concepções de Saúde no Livro Didático de Ciências. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, v.10, p 1-22, 2008.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, Governamentalidade e Educação: Introdução e Conexões a Partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Ciências: Nosso Corpo**. 8º. ano. 4. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MOHR, Adriana. **A Natureza da Educação em Saúde no Ensino Fundamental e os Professores de Ciências**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: 2002.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PORTOCARRERO, Vera. **As Ciências da Vida:** de Canguilhem a Foucault. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

SIBILIA, Paula. **O Homem Pós Orgânico:** Corpo, Subjetividade e Tecnologias Digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. O Pavor da Carne: Riscos da Pureza e do Sacrifício no Corpo Imagem Contemporâneo. In: **Revista FAMECOS**, nº 25. Porto Alegre, 2004. p 68-84.

VARELA, Julia. O Estatuto do Saber Pedagógico. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação:** Estudos Foucaultianos. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

Artigo recebido em 31/01/2014

Aprovado em 17/10/2014